

As pinturas das fazendas de café de Antonio Ferrigno

Stefanie Clarice Ramos Moysés¹

 0000-0001-7722-2996

Como citar:

In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 16, 2022. **Atas do XVI Encontro de História da Arte**. Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 16, 2022.

DOI: 10.20396/eha.16.2022.4990

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar brevemente seis obras do artista italiano Antonio Ferrigno (1863-1940): *A Florada*, *A Colheita*, *O Terreiro*, *O Lavadouro*, *O Beneficiamento* e *Café*. As obras datam de 1903, fazem parte do acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo e representam a produção do café no interior paulista durante o início do século XX, quando a crise de sua superprodução já demonstrava os primeiros indícios. Essas paisagens não foram a primeira vez que o artista representou a temática do café, mas podemos traçar algumas diferenças entre aquelas produzidas no final do século XIX, sendo esta uma das questões comentadas neste artigo.

Palavras-chave: Antonio Ferrigno. Fazendas de Café. Imigração. Museu Paulista.

¹ Mestranda em História da Arte pelo Programa de Pós-graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo. Orientada pela Profa. Dra. Elaine Dias. Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, processo Nº 2022/09305-8. Contato: stefanie.clarice@unifesp.br

Neste artigo, serão apresentadas pinturas das fazendas de café de autoria do artista italiano Antonio Ferrigno (1863-1940). As obras fazem parte do projeto de pesquisa de Mestrado intitulado *Antonio Ferrigno e o Ciclo do Café nas Pinturas do Museu Paulista*, orientado pela Profa. Dra. Elaine Dias e que conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP (Processo nº 2022/09305-8). A pesquisa, que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da Arte na Universidade Federal de São Paulo, ainda está em seu início, portanto, discorreremos a respeito de algumas das primeiras informações sobre o objeto de estudo principal do Mestrado: as seis obras de Ferrigno sobre o ciclo de produção do café, intituladas *A Florada*, *A Colheita*, *O Lavadouro*, *O Terreiro*, *O Beneficiamento*, e *Café*, conservadas no Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Antes de serem apresentadas as obras, retomaremos um pouco sobre o contexto em que foram produzidas, caracterizado pela crise do café que se iniciou no final do século XIX. Por conta da superprodução e desvalorização do preço no mercado exterior, tratava-se de uma situação que afetou diretamente a economia brasileira da época. A superprodução do café deu-se principalmente na região do Oeste Paulista, onde o crescimento dos pés da planta passou "de 300 milhões em 1896 a 600 milhões e 600 mil em 1900" e, por sua vez, "a participação do Brasil [no mercado internacional] pulará de 58% em 1895, para 70% em 1897 e 82% em 1901"².

Um segundo problema que ocorreu no contexto brasileiro nesse mesmo período e, também, dentro da conjuntura econômica do café, foi a crise da imigração, principalmente italiana. Como podemos ver através dos dados da época, houve uma diminuição de chegada da mão de obra italiana no país: "Se, de fato, nos anos precedentes, o número de ingressos registrados no Brasil era sempre superior em relação à saída da Itália, entre 1902 e 1920 a tendência se inverte (306.652, segundo fontes italianas; 257.916, segundo fontes brasileiras) [...]"³. A possível justificativa para esses dados seria o fato de que estava ocorrendo a saída dos imigrantes da Itália, mas nem todos acabavam tendo como destino final o Brasil. Essa diminuição da chegada de italianos imigrantes em território brasileiro estaria possivelmente relacionada com a divulgação de como viviam esses imigrantes naquele período. Em 1902, foi divulgado um relatório em que o ministro Aldo Rossi publicou como estava a situação dos imigrantes italianos no país. Esse relatório, que ficou conhecido como Relatório Rossi,

² TRENTO, Angelo. *Do Outro Lado do Atlântico*: um século de imigração italiana no Brasil. Livraria Nobel: São Paulo, 1989, p. 37.

³ Ibidem, p. 59

[...] acentuava traços negativos, esboçando em tintas sombrias, com base nos depoimentos recolhidos, um quadro dramático: mulheres violentadas, homens chicoteados, disciplina que "faz a fazenda parecer uma colônia de condenados a domicílio obrigatório", doenças, omissão ou atraso no pagamento dos salários, miséria.⁴

Uma das formas de tentar reverter as crises relacionadas ao café no Brasil foi justamente a divulgação do café brasileiro, feita pelos próprios Barões do Café através das encomendas de artistas e da participação das obras em exposições nacionais e internacionais: "O anseio de conquistar novos mercados leva os comerciantes de café a encontrar modernos sistemas para seus produtos alcançarem consumidores além das fronteiras do próprio estado e mesmo do País"⁵. Entre os artistas que reproduziram as fazendas de café, podemos citar Nicolau Facchinetti (1824-1900), Georg Grimm (1846-1887) e Antonio Ferrigno. Os dois primeiros artistas produziram obras sobre o café entre as décadas finais do século XIX, enquanto as obras de Ferrigno estão mais próximas do século XX. Não sendo objetos de estudo deste artigo, os dois primeiros artistas não serão aqui abordados, embora sejam importantes para a compreensão das obras que reproduzem fazendas de café. Facchinetti e Grimm abordaram outras questões para além da produção de café, por exemplo, a devastação das florestas para o cultivo deste produto⁶. Por sua vez, Ferrigno teve como foco o trabalho realizado na produção do café, como será melhor abordado adiante.

Antonio Ferrigno foi um pintor italiano que nasceu em Maiori, na Itália. Formou-se na Academia de Belas Artes de Nápoles na década de 1880 e, entre 1893 e 1905, viveu no Brasil. Nesse período, ficou por um breve período no Rio de Janeiro, logo após sua chegada ao país, e, posteriormente, se estabeleceu em São Paulo. O artista vendeu retratos, paisagens e cenas de gênero, sendo frequentemente elogiado pela crítica⁷. Atualmente, a maior parte de sua produção encontra-se em coleções particulares, mas também estão presentes em museus públicos como o Museu Paulista da Universidade de São Paulo, a Pinacoteca do Estado de São Paulo, e o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. Não temos

⁴ Ibidem, p. 52

⁵ CHIAVARI, Maria Pace. **Vistas das fazendas de café encomendadas ao pintor Facchinetti e utilizadas como propaganda nas exposições do produto**. In: Anais do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro. v. 53. p. 77-96. 2020, p. 86.

⁶ Para Marquese, a apresentação da devastação ambiental relacionada ao cultivo do café estava relacionada ao "discurso textual apresentado pelos fazendeiros havia décadas, baseado nas oposições binárias café x mata, cultura x natureza, civilização x barbárie" (MARQUESE, Rafael de Bivar. **A paisagem da cafeicultura na crise da escravidão**: as pinturas de Nicolau Facchinetti e Georg Grimm. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, [S. l.], n. 44, p. 55-76, 2007, p. 75),

⁷ Encontramos apenas duas análises em um jornal da época (Correio Paulistano) que tiveram como questão de crítica a técnica utilizada nas obras de Ferrigno. Foram a partir de quadros de 1898 que apontaram a falta de "acabamento" das obras. (MOYSÉS, Stefanie Clarice Ramos. **Iconografia Paulistana**: um estudo das pinturas "Rua 25 de Março", de Antonio Ferrigno. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso. (Bacharelado em História da Arte) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2022., p. 22)

muitas informações ainda a respeito, mas por volta do final do século XIX, Ferrigno fez uma viagem pelo Estado de São Paulo, passando pelo litoral, pelo interior do Estado e pela capital⁸. Provavelmente, durante essa viagem, é que teria Ferrigno conhecido aqueles que foram seus principais mecenas.

Manoel Ernesto da Conceição (1850-c.1935), o Conde de Serra Negra, foi o primeiro "barão" do café a encomendar um conjunto de obras de Ferrigno para retratar a sua Fazenda Victória nos anos finais do século XIX. A obra *Fazenda Victória, dos Condes de Serra Negra - Botucatu, SP*⁹, demonstra a extensa plantação de café e a retirada das sementes dos pés pelos trabalhadores imigrantes, como podemos observar no canto inferior direito da tela. Entre esses trabalhadores, vemos mulheres e homens. Enquanto as primeiras estão vestindo saias longas, camisas com mangas curtas e chapéus que aparentam ser de palha, os últimos estão vestindo calças, camisas dobradas na altura do cotovelo, e os mesmos chapéus. Mais próximo ao observador, vemos tecidos esticados no solo ao redor dos pés de café, e sacos cheios de grãos em seu formato inicial, as frutas do cafeeiro. Ao fundo, vemos a extensão da propriedade do Conde de Serra Negra, além dos inúmeros pés de café; possui um grande lago e um caminho, entre as plantações de café e a vegetação local, por onde passa um trem soltando sua fumaça, o que demonstra estar em movimento. As estradas de ferro foram importantes aliadas na expansão do café para o Oeste Paulista, não sendo consequência dessa expansão, mas um dos fatores que incentivaram a plantação do produto nas fazendas¹⁰.

Já em outra tela desse conjunto, *Colonos indo ao trabalho, Fazenda Victória - Botucatu, SP*¹¹, Ferrigno representou um outro momento do cotidiano dos imigrantes de café, a caminhada para o trabalho e, em segundo plano, o local em que repousavam. Nesta tela, os trabalhadores se vestem de forma semelhante à obra anterior, mas algumas mulheres vestem lenços ao invés de chapéus em suas cabeças. A maior parte do grupo está no canto esquerdo da tela, enfileirada ao longo de um pequeno caminho entre a vegetação local, carregando suas ferramentas de trabalho. Do lado direito da tela, em diferentes distâncias do observador e espalhadas na paisagem, estão representados os possíveis alojamentos desses trabalhadores que, por se tratar de imigrantes, tornaram-se suas moradias no país. São pequenas

⁸ A viagem foi feita ao lado do colega, Rosalbino Santoro (1858-1942). (BIGNARDI, Massimo; FIORILLO, Ada Patrizia. **I Pittori di Maiori: Artisti della Costa d'Amalfi tra XIX e XX secolo**. Amalfi: Centro di Cultura Amalfitana, 2005, p. 100). Além de colega de Ferrigno, Santoro foi professor de uma artista brasileira do final do século XIX e início do século XX, Georgina de Albuquerque (1885-1962), artista que também trabalhou com a temática do café. Sobre o tema, ver: NOGUEIRA, Manuela Henrique. **Georgina de Albuquerque: trabalho, gênero e raça em representação**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

⁹ 1898. Óleo sobre tela. 200x110cm. Coleção Particular. (TARASANTCHI, Ruth Sprung. **Antonio Ferrigno: 100 anos depois**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2005, p. 73)

¹⁰ Sobre o tema, ver: MOTA, Paula de Brito. **A cidade de São Paulo de 1870 a 1930: café, imigrantes, ferrovia, indústria**. 2007. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2007.

¹¹ 1898. Óleo sobre tela. 47x74cm. Coleção Particular. (Ibidem, p. 72)

casas, com apenas um pavimento, de paredes brancas e telhados de tijolos simples. A maior parte do quadro é tomada pela cor verde claro e, o fundo da tela, do lado direito, vemos uma aglomeração de árvores de cor verde escura.

Essas e outras obras produzidas na Fazenda Victória foram levadas pelo Conde de Serra Negra e sua família para exposições na Europa, fazendo com que Ferrigno se tornasse parte de um "[...] projeto inédito de criação de obras de arte destinadas a servir de propagandas a um produto comercial brasileiro"¹². Como podemos observar na fotografia presente no catálogo do artista¹³, as obras de Ferrigno eram apresentadas nos estandes de café como uma forma de ilustrar a vida e sua produção na propriedade do Conde de Serra Negra, representando, desta forma, as fazendas paulistas.

A segunda vez em que Ferrigno trabalhou com a temática do café foi com a série de telas que atualmente pertencem ao acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo. Elas são representações do trabalho de produção na Fazenda Santa Gertrudes, propriedade herdada por Eduardo da Silva Prates (1860-1928), o Conde Prates, da família de sua esposa em 1893, uma década antes da encomenda que fez a Ferrigno. Nas obras, o artista apresenta o ciclo de produção do café, ou seja, um passo a passo de como era esta produção nessa fazenda. As seis telas datam do ano de 1903, possuem a mesma dimensão e foram produzidas em óleo sobre tela. Os títulos são: *A Florada*, *A Colheita*, *O Lavadouro*, *O Terreiro*, *O Beneficiamento*, e *Café*¹⁴. Essas reproduções de Ferrigno são muito semelhantes ao que foi ou o que ainda é a Fazenda Santa Gertrudes na realidade. Como Ruth Tarasantchi colocou: "O artista capturou tão bem o local que, se visitarmos a fazenda hoje, reconheceremos diversos trechos dela"¹⁵.

Na primeira tela, temos a florada do café, anunciada pelo seu título, *A Florada*. A construção da paisagem foi feita de forma muito semelhante à obra da Fazenda Victória acima mencionada, *Fazenda Victória, dos Condes de Serra Negra - Botucatu, SP*, onde a ênfase é dada à grande plantação de café das fazendas e da própria dimensão das propriedades representadas. Em ambas as telas, podemos ver a presença de alguns trabalhadores, que se vestem de forma semelhante, com calças ou longas saias, camisas com as mangas na altura dos cotovelos e chapéus de palha, sendo a da Fazenda Victória aquela que possui maior número de trabalhadores representados. Em segundo plano, como também descrito na obra da Fazenda Victória, vemos algumas construções e um grande lago de águas de cor azul claro. Ao fundo, as paisagens são contornadas por grandes montanhas que se estendem pelo horizonte da paisagem.

¹² Ibidem, p. 25

¹³ Ibidem, p. 29

¹⁴ As obras podem ser acessadas no site do acervo do Museu Paulista (disponível em: <<http://acervo.mp.usp.br/iconografiaV2.aspx#>>) ou através da página do artista no Google Arts & Culture (disponível em: <<https://g.co/arts/oFiGQVhF1RTc7oaz6>>).

¹⁵ TARASANTCHI, op. cit., p. 26

Na segunda obra, *A Colheita*, os pés de café estão mais próximos do observador, onde vemos como era o processo da colheita. Podemos identificar parte desse processo, de forma menos detalhada, no canto inferior direito da obra da Fazenda Victória. Por sua vez, na obra *A Colheita* da Fazenda Santa Gertrudes, visualizamos de maneira mais próxima as diversas técnicas utilizadas para a colheita dos altos pés de café, como o uso de escadas simples de madeira, a seleção de grãos com o auxílio de uma grande peneira circular, e um primeiro ensacamento, para que os grãos fossem levados à próxima etapa de produção. É possível que as ferramentas utilizadas para a colheita do café também estejam representadas na outra obra mencionada da Fazenda Victória, *Colonos indo ao trabalho, Fazenda Victória - Botucatu, SP*, sendo carregadas pelos colonos enfileirados.

Em terceiro lugar, *O Lavadouro* é para onde as sementes eram levadas para o processo de lavagem. Nesta tela, vemos um pequeno grupo de homens trabalhando nesta etapa, onde os grãos são colocados em uma espécie de tanque, construído no chão da fazenda, e com acesso a uma fonte de água. Depois, elas eram espalhadas na obra *O Terreiro*, onde as sementes passavam pelo processo de secagem. Nessa obra, assim como em outras do artista, podemos visualizar a ênfase dada ao tema do trabalho, muito em voga nas obras de artistas da corrente realista na Europa, como na obra de Gustave Courbet (1819-1877), *Os Quebradores de Pedra* (1849), por exemplo.

Por último, no processo de produção do café temos *O Beneficiamento*, onde vemos o maquinário utilizado no período, que foi um dos fatores responsáveis pela nomeação da Fazenda Santa Gertrudes como uma Fazenda modelo. Parte desse maquinário ainda encontra-se em galpões da fazenda, que atualmente recebe visitas agendadas¹⁶. Também nesta tela, no plano mais próximo ao observador, vemos os últimos processos antes do transporte, a pesagem e o ensacamento do café, feitos de forma manual por trabalhadores que vestem trajes simples e são observados por um indivíduo vestindo terno branco, chapéu e usando uma bengala. Por fim, na última cena, *Café*, temos a saída do café da fazenda, armazenado em sacas e transportado em carros puxados por bois. Possivelmente, a longa fileira de humanos e animais se dirige para as estradas de ferro, onde as sacas de café seriam levadas para o porto de Santos e então exportadas, principalmente, para a Europa e Estados Unidos.

Essas seis obras da Fazenda Santa Gertrudes, assim como as da Fazenda Victória se dirigiram para a Europa, participando de exposições para que o objetivo de divulgação do café fosse alcançado. Além de uma exposição individual no Banco Constructor e Agrícola no próprio ano em que foram produzidas (1903), as obras participaram da Exposição Preparatória, no ano de 1904. Como o próprio nome já anuncia, essa exposição foi uma preparação para um evento seguinte, onde foram apresentadas as obras,

¹⁶ Para mais informações, dirija-se ao site da fazenda, disponível em: <http://www.fazendasantagertrudes.com.br/br/contato>

os objetos e os produtos que iriam para a Exposição Internacional de Saint Louis, também em 1904. Em matéria do Jornal O Correio Paulistano, de 15 de Janeiro de 1904, podemos ver em uma fotografia a seção do café da Exposição Preparatória, onde estavam expostas as obras de Ferrigno¹⁷. A exposição internacional de Saint Louis, também conhecida como *Louisiana Purchase Exposition*, pois os Estados Unidos estavam celebrando os cem anos da compra de Louisiana, está sendo um dos casos analisados na pesquisa de Mestrado a qual este artigo está relacionado. Um desafio no caso dessa exposição é o fato de que não encontramos ainda maiores informações sobre a participação de Ferrigno no evento. Embora seu nome não conste no catálogo oficial¹⁸, foi divulgado pela imprensa brasileira da época que as suas obras estavam lá expostas¹⁹.

Temos algumas hipóteses para a ausência de mais referências à presença de Ferrigno na exposição de Saint Louis. É possível que as obras não constem no catálogo, pois o governo brasileiro demorou para aderir à exposição, informação que consta no próprio prefácio do catálogo oficial²⁰. Por outro lado, também é possível que as obras de Ferrigno não tenham participado da seção de artes, mas sim da exposição do café, assim como estiveram expostas na Exposição Preparatória, como pudemos ver pela fotografia mencionada. No entanto, esta é uma informação que ainda está sendo investigada.

Por fim, ressaltamos também que essas obras tiveram uma importância no reconhecimento de Ferrigno como um pintor de paisagem, como observamos no trecho do Jornal Correio Paulistano:

Na sua actual exposição, ao Banco Constructor e Agrícola, Ferrigno apresenta-se com uma nova feição - a de paizagista, e valoroso. Já o conhecíamos como um figurista emerito, bom desenhista e conhecedor profundo da sua arte. Por vezes admiramos quadros seus, na maioria typos nacionais, scenas de costumes, assumpto que sempre o tentou, e nesse genero Ferrigno sahia-se galhardamente, mas ignoravamos que a paizagem, com todas as variantes de colorido e de contornos, lhe fosse tambem um genero familiar.²¹

¹⁷ Jornal Correio Paulistano, sexta-feira, 15 de janeiro de 1904, n. 14518, p. 1.

¹⁸ THE LOUISIANA PURCHASE EXPOSITION COMPANY FOR THE OFFICIAL CATALOGUE COMPANY, 1904. Disponível em: <https://archive.org/details/officialcataloguooloui_1>. Acesso em: 09 jun. 2022.

¹⁹ Jornal Renascença - RJ, outubro de 1904, n. 8, p. 118.

²⁰ "Owing to the late decision of the Brazilian Government to participate in the Exposition a number of her best known artists do not appear in this exhibition." (THE LOUISIANA PURCHASE EXPOSITION COMPANY FOR THE OFFICIAL CATALOGUE COMPANY, 1904, s. p. Disponível em: <https://archive.org/details/officialcataloguooloui_1>. Acesso em: 09 jun. 2022.)

²¹ Correio Paulistano, terça-feira, 15 de dezembro de 1903, n. 14.488, p. 2

Essas são algumas considerações que, de início, foram levantadas sobre as obras do café de Ferrigno: além da relação das pinturas com o contexto e a crise do café, também a importância do artista na produção de paisagens no Brasil. A pesquisa ainda se encontra em andamento, a ser desenvolvida durante os anos de 2023 e 2024. Serão realizadas análises mais aprofundadas sobre as obras de Ferrigno, levando em consideração a narrativa que evocam em relação à produção do café. Neste sentido, a comparação com outras obras que abordem esta temática se faz necessária. Pretendemos fazer uma análise dessas obras com a produção de outros artistas do período e que também representaram as fazendas de café, como os já citados Facchinetti e Grimm, artistas que produziram alguns anos antes de Ferrigno chegar ao Brasil, mas cujas contribuições demonstram uma possível tradição sobre as pinturas de fazenda de café, levando-nos a investigar como Ferrigno se coloca nesse contexto. Além da pintura, também buscaremos analisar fotografias sobre o tema, especialmente os registros de artistas como Marc Ferrez (1843-1923) e Guilherme Gaensly (1843-1928).

Ainda em relação à questão do café, pretendemos estudar o papel da elite cafeeira paulista enquanto mecenas desses artistas e a relação da Fazenda Santa Gertrudes com a viagem de Antonio Ferrigno pelo interior de São Paulo, uma vez que o acesso ao local possibilitou a produção dessas importantes obras. Ao longo da pesquisa, pretendemos visitar a Fazenda Santa Gertrudes em busca de maiores informações sobre a passagem de Ferrigno pelo local. Além desta, buscaremos dados sobre artistas do período que retrataram outras fazendas de café.

Sendo as seis obras consideradas entre as de maior sucesso do artista, procuraremos analisar, em comparação, como as pinturas do seu período de formação contribuíram para a produção e o sucesso das obras do ciclo do café. Nesse sentido, procuraremos analisar as obras de artistas que se formaram na Academia de Belas Artes de Nápoles na década de 1880, bem como de professores e outros artistas que serviram de referência para Ferrigno, como Domenico Morelli (1823-1901), Teófilo Patini (1840-1906) e Giacomo di Chirico (1844-1883).

Por fim, também temos como objetivo estudar o processo de integração das obras ao acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, isto é, como as pinturas foram incorporadas a um museu público no início do século XX e como elas se inserem na organização atual da instituição, com sua reinauguração recente em setembro de 2022. Esperamos, ainda, que a análise das obras de Ferrigno contribua para o entendimento do contexto histórico e artístico do final do século XIX e início do século XX.

Referências bibliográficas

BIGNARDI, Massimo; FIORILLO, Ada Patrizia. **I Pittori di Maiori**: Artisti della Costa d'Amalfi tra XIX e XX secolo. Amalfi: Centro di Cultura Amalfitana, 2005.

CHIAVARI, Maria Pace. Vistas das fazendas de café encomendadas ao pintor Facchinetti e utilizadas como propaganda nas exposições do produto. In: **Anais do Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro. v. 53. p. 77-96. 2020.

MARQUESE, Rafael de Bivar. **A paisagem da cafeicultura na crise da escravidão**: as pinturas de Nicolau Facchinetti e Georg Grimm. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, [S. l.], n. 44, p. 55-76, 2007.

MOTA, Paula de Brito. **A cidade de São Paulo de 1870 a 1930**: café, imigrantes, ferrovia, indústria. 2007. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2007.

MOYSÉS, Stefanie Clarice Ramos. **Iconografia Paulistana**: um estudo das pinturas "Rua 25 de Março", de Antonio Ferrigno. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso. (Bacharelado em História da Arte) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2022.

NOGUEIRA, Manuela Henrique. **Georgina de Albuquerque**: trabalho, gênero e raça em representação. 2016. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

TARASANTCHI, Ruth Sprung. **Antonio Ferrigno**: 100 anos depois. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2005.

TRENTO, Angelo. **Do Outro Lado do Atlântico**: um século de imigração italiana no Brasil. Livraria Nobel: São Paulo, 1989.